



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 20 de Fevereiro de 1993 • Ano XLIX - N.º 1277 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ENCONTROS em Lisboa

Construir o amanhã

Há momentos que nos enchem de alegria embora apa-
reça também uma ponta de
saude misturada com a
apreensão. Refiro-me à par-
tida dos nossos rapazes da
Casa que foi deles durante
muitos anos.

Foi no domingo, dia 7 de
Fevereiro. O Celinha decidiu
partir. Anunciada, ponderada
e conversada desde há uns
meses atrás, a partida chegou
ao seu dia. É mais um homem
que cresceu e se desenvolveu
na Obra da Rua. Foi acolhido,
amparado, aconselhado, cor-
rigido, encorajado e amado ao
longo de dezanove anos. Veio
para nossa Casa com sete
anos. Sai homem, com o
curso de Hotelaria, capaz de
ganhar a vida honestamente.
Ao despedir-se, no refeitório,
dizia aos colegas: «Tenho um
curso. Estou empregado. Creio
que já sou capaz de en-
frentar a vida sózinho e com
segurança». Agradeceu aos
colegas e à Casa o que lhe de-
ram e manifestou a vontade e
a disponibilidade para
aparecer de vez em quando,
para ajudar no que for neces-
sário. Gostei do conselho aos
mais novos: «Aproveitem
bem as oportunidades que
aqui temos para sermos ho-
mens». Isto o que nos enche
de alegria.

Há, por outro lado, a sau-
dade de vermos partir alguém
que nos habituámos a ver, a
estar ali, a fazer parte da
nossa vida quotidiana. O seu
espaço pode ser ocupado, mas
o seu lugar continuará vazio.
Não assisti ao crescimento e
desenvolvimento do Celinha.

Foram só três anos de convi-
vência. Apreciava nele o ar
discreto e silencioso de fazer
as coisas. Quase não se dava
por ele, mas nunca foi preciso
ir pedir-lhe nada. Apresen-
tava-se e metia mãos à obra
onde via que era necessário,
tanto durante o tempo em que
tirava o curso, como já depois
de estar empregado. Traba-
lhava de tarde e regressava já
noite avançada. No dia se-
guinte, aí estava ele, logo de
manhã, dando uma preciosa

ajuda na cozinha, até à hora
da partida para o trabalho.
Por este testemunho silenci-
oso o nosso muito obrigado.

Decidiu partir, construir o
seu amanhã. Junto de Deus
coloco a minha súplica: —
Que a vida lhe sorria e ele
aprenda com a vida a sorrir à
felicidade e aos Outros. Tam-
bém junto de Deus a minha
apreensão: — Que nos mo-
mentos em que precisar de
uma mão amiga a encontre, já
que agora não estaremos tão

juntos dele.

O «Ruca» não resistiu e al-
gumas lágrimas caíram dos
seus olhos. Os outros pergun-
tavam: «O que é que tens?».
Também perguntei. A res-
posta foi: «Não é nada». Per-
cebi que o «Ruca» sentia que
um amigo se afastava para
mais longe.

Vidas na nossa vida é das
nossas Casas.

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

Alegria da casa nova

O Pároco da freguesia escreveu a pedir
ajuda para o telhado de uma casa em recons-
trução. Com ele fomos ver.

Apareceu a dona que vive com o marido
em casa alheia. Na sua idade e com grande
surdez, vinha cheia de esperança na nossa
ajuda.

A moradia, por fora, apresenta um aspecto
novo. Rebocada e com mais duas divisões
ainda sem portas e janelas. Por dentro, a
parte primitiva com as paredes completa-
mente negras e cheias de bulor, resultado do
velho telhado.

A senhora contou a história da família:
«Só tinha este quarto, que era dos nossos
pais, e esta cozinha. Aqui fomos criados
onze filhos. Quando nos juntávamos todos,
só acontecia no Natal e na festa da terra, os
rapazes dormiam à volta da lareira e nós,
raparigas, no resto da cozinha. As raparigas
andávamos todas a servir e os rapazes tra-
balhavam fora. Passámos muitos tormen-
tos.»

Ela e o marido compraram a parte que per-
tencia aos outros irmãos e estão a reconstruí-

-la. Vai ficar muito airosa e acolhedora.
Entregámos-lhe uma ajuda do Património
dos Pobres.

Passados dias recebemos uma carta do ca-
sal que é um hino de amor e «*gratidão a
Deus e a todos os que ajudam a ter a alegria
duma casa nova*». Vale bem a pena parti-
lhamos uns com os outros os dons que Deus
nos vai dando. O Património dos Pobres tem
sido um dom de Deus.

À procura duma casa

Andámos toda a tarde na cidade de Penafiel
à procura de uma casa para esta família de
oito pessoas, juntas numa espécie de habita-
ção em ruínas que não se descreve, nem se
deve contar. O pai foi criado na Casa do
Gaiato e tem uma pequena reforma. Um filho
de vinte anos é demente. Uma filha com do-
ença muscular grave e progressiva, é mãe sol-
teira com uma filha de três anos e um menino
de dois meses. O casal tem ainda uma filha
pequenina. Ali vivem todos, sabe Deus como.

O senhorio não faz obras, e tem razão para
isso, pois a construção é muito antiga e sem

Continua na página 4

ÁFRICA

Benguela

Que dizer por cima de cadáveres sem conta...?!

Que contradição! Nunca me apeteceu tanto estar calado
como agora e tenho necessidade de falar, entretanto.

Que dizer por cima dos montes de cadáveres sem conta
empurrados para a vala comum como lixo reles que nem
para adubar os campos serve?! Que horror! O inferno tam-
bém tem o nome de guerra.

As energias consumidas pela insegurança e pelo medo são
empobrecimento humano na hora em que todas as forças são
poucas para o arranque da nova nação.

Dou graças a Deus por nos ser concedido participar com o
povo tamanha desgraça nunca experimentada até agora.

A gente está cada vez mais faminta; cada vez mais nua;
cada vez mais descalça; cada vez mais doente e sem remé-
dios. Cada vez mais sem nada!

Se nos sentimos impotentes diante da avalanche de carên-
cias de toda a ordem, a nossa vida na Obra da Rua no seio
deste povo ganha incomparavelmente mais sentido. Por isso,
não há qualquer carga de pessimismo nem de frustração nas
palavras escritas atrás. Bendito seja Deus que nos pôs neste
lugar!

A Casa do Gaiato refúgio de muitas famílias

A Casa do Gaiato foi local de refúgio de muitas famílias
durante os dias de violência. Bem perto se ouvia o troar dos
canhões a despejar obuses sem conta nem medida,
semeando morte e destruição.

O animal que está em cada pessoa, quando consegue vol-
tar-se, age exclusivamente por força do instinto,
deixando sepultada a razão. Já não é o homem que pensa e
sente. Deus nos livre de situações deste tipo!

E agora? Continuamos a olhar o futuro com muita Espe-
rança. O compromisso não pode arrefecer. A tarefa é cada
vez mais urgente.

Continua na página 4

Moçambique

Semear dia a dia

Trouxemos na mente e no coração, a construção de uma
Casa do Gaiato, ainda antes de aqui chegar. Hoje, passado
quase ano e meio, continuamos com o mesmo anseio insatis-
feito. Temos cinquenta e um

rapazes, alguns já crescidos,
a quem a vida da rua estra-
gou demasiado. Agora vão
caminhando na escola —
mercê de muito esforço e
um pouquinho na consciên-
cia de si mesmos. Já se co-
meça a perceber quem é
quem e a responsabilidade
afiora no viver de cada dia.
Há outros, porém, na estaca
zero, sem vontade nem qua-
lidades à vista, que dêem
um pouco de ânimo a quem
tem de chamar a atenção a
toda a hora para as mais
pequenas coisas.

Este semear dia a dia, este
crescimento lento e tão re-
tardado em alguns, é uma
carga incomensurável nos
ombros de nós três, en-
quanto não vão chegando ao
amadurecimento suficiente

Continua na página 3

Do «Jardim das Coré»,
Infantário de Vila do Conde,
chegou há dias esta carta
que nos penhora pela consi-
deração manifestada:

«Nas vésperas do Natal,
fomos visitados por um jo-
vem, que se identificou
como «João Batatinha»,
que pretendia vender uns
bilhetes de sorteio, de forma
a angariar fundos para a
vossa Obra.

Como consideramos im-
portante a vossa Obra, com-
prámos toda a caderneta de
bilhetes, assim como mos-
trámos interesse em receber
o vosso Jornal e demos o
montante da sua assinatura.

O João esteve com as nos-
sas crianças mais velhas que
lhe entregaram esse dinheiro,

Conto do vigário

pois fora angariado por elas,
na venda de trabalhos seus,
numa 'Venda de Natal' para
distribuir por algumas insti-
tuições que achámos meri-
tórias.

O João ficou de nos
mandar o recibo do valor
recebido e da assinatura

d' O GAIATO, o que, para
nós, é importante para que
possamos provar o fim a
que se destinou o dinheiro.

Certos de que entenderão
a nossa posição, despe-
dimos-nos, agradecendo-vos,
mais uma vez, pela Obra
tão importante que desen-
volveis.»

Crise de Autoridade

Nem é, já, o «Batatinha»,
o que nos preocupa. É, sim,
a crise de Autoridade que
lhe permite estabelecer-
se, desde há anos, nesta
profissão liberalíssima de
vigiar o próximo, usando
o nome da Casa do Gaiato.
As Polícias sabem. Os Tri-

Continua na página 3



O relacionamento com o rapaz começa na própria rua, proporcionando um diálogo.

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Sendo a maior parte da receita da nossa Conferência proveniente dos Leitores d' O GAIATO, no mês de Fevereiro de todos os anos publicamos, sempre, as Contas do anterior (até os centavos), depois da sua entrega no Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

É nosso dever como recoveiros dos Pobres.

Por intermédio d' O GAIATO recebemos 3.277.895\$00. Óbulos que nos desvanecem, pelo alto sentido cristão de todos eles. Grande parte cobertos pelo anonimato. Testemunhando o Mandamento Novo.

Doutras proveniências, registamos 59.864\$40.

Deixámos em muitos lares, com discreção, nas visitas domiciliárias, 1.100.392\$50. Sua vizámos a doença, de vários Pobres, com 134.047\$00 de receita. Partilhámos 19.500\$00 por despesas escolares; 131.190\$00 por funerais e outras mais; 178.112\$00 por duas Conferências Vicentinas da região, aliviando problemas candentes; e 150.000\$00 foram entregues ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo, percentagem da nossa Regra — que procuramos respeitar.

Fica para o fim, propositadamente, a aplicação de 2.016.992\$00 no sector da Habitação — o mais importante em todo o País: reparadas mais quatro habitações do Património dos Pobres; e comparticipados mais oito telhados em moradias de outros tantos Autoconstrutores.

Para além dos números frios, está o Homem. No caso vertente o mais carenciado. Damos graças a Deus por não haver quem (que a gente saiba!) sofra na comunidade pobreza absoluta, sem um pequenino apoio, com necessidade de estender a mão publicamente. «Cada freguesia cuide dos seus Pobres.» É o que se procura fazer. Melhor? Pior? O possível, na medida do possível. Deus sabe. Bastaria que Ele soubesse. Por tudo, damos graças ao Senhor!

PARTILHA — Cheque do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, especialmente para os mais necessitados e envergonhados».

A «Avó dos cinco netinhos» — de Setúbal — não falha: «Aqui vai a minha tão pequena contribuição, que envio todos os meses, com muito carinho pelos Pobres. Tenho pena de não ser mais. Todavia, as necessidades são imensas!»

O costume, de Santa Cruz do Douro. «Velha Amiga da Figueira» com cinco contos e muita amizade por todos nós. Assinante 36082, do Porto: «Com um grande atraso, pelo que peço perdão, envio este cheque para O GAIATO e o restante para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Vou fazer uma promessa: não me atrasar mais. Peço a bênção de Deus para a minha netinha». Outra Avó! São mães duas vezes.

Mais dez contos, da assinante 13329, do Porto, que sublinha: «Grata por todo o Bem que a Obra da Rua me faz».

Pelas CASAS DO GAIATO

Mais 2.500\$00 do assinante 17258, de Baguim do Monte, Rio Tinto, para uma viúva. Mais a salutar presença da assinante 23778, da Covilhã: «Que felizes são todos os que praticam o Mandamento Novo de Jesus! A restante importância (dividida por outros sectores) é para a vossa Conferência. O Senhor acuda a todos os aflitos e à minha família também». Mais cinco contos de «uma portuense qualquer», a sua «migalhina relativa ao mês de Janeiro». Mais cinco mil, da assinante 14493, do Porto, e «Deus continue a acompanhar tão sublime e difícil missão». Que bem! Metade, do assinante 40498, de Frazão (Paços de Ferreira).

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — A mais demorada, da casa um, aproxima-se do fim!

Já estão acabando as escadas, da porta da entrada à parte de cima aonde se encontram os quartos e a respectiva sala. Quem olha agora o edifício e recorda como era, há uma grande diferença.

Bom trabalho!

EXCURSÃO — Recebeimos uma da terra do «Turbinas». Passou o dia com a malta da Casa.

Dia muito divertido! Ficámos a conhecer muitas pessoas amigas da nossa Obra.

DESPORTO — Defrontámos uma equipa da empresa aonde trabalha o nosso Agostinho. Vencemos o jogo com facilidade, por 14-3.

Cooperativa de Habitação

Voltamos à vossa presença!

Através dos meios de comunicação social e até no Parlamento, continuam a falar e a escrever muito sobre o grave problema da habitação.

Modestamente, também temos metido a nossa colherada n' O GAIATO, mas com uma diferença: algo de positivo já fizemos. Sabemos que é uma gota de água num imenso oceano, mas foi possível ir além das palavras e escritos.

Brevemente avançaremos com novo projecto em Vales — Paço de Sousa. Há terreno onde poderemos instalar cerca de vinte e cinco famílias. Estamos

a recolher inscrições de antigos gaiatos ou seus descendentes e, quando o número o justificar, vamos para a frente.

Contamos com o apoio dos nossos amigos, que no projecto anterior tanto ajudaram. O Arq. Arnaldo Barbosa já disse «presente». Esperamos que os Eng.ºs Salinas e Rodrigues Gomes digam o mesmo. Que dizer de todos aqueles amigos, alguns dos quais anónimos, que em momentos difíceis nos dirigiram palavras de muito carinho e incentivo? Contamos com todos.

Recentemente, lemos num jornal diário que uma instituição do Estado, de apoio à construção de habitações sociais, «fechou o ano de 1992 com lucros líquidos a rondar os cinco milhões de contos».

Dói-nos o coração ler estas notícias, pois sabemos que esses milhões de contos são ganhos à custa do sacrifício de muitos portugueses que se vêem aflitos para pagarem as prestações do empréstimo a que recorreram.

Embora existam taxas de juros bonificadas para os empréstimos destinados à construção de habitações a custos controlados, consideramos que estes continuam a ser pesados para a maioria dos portugueses que necessitam de utilizar este tipo de financiamento.

O Estado, no sector da habitação social, deveria investir mais e sem fins lucrativos imediatos, já que mais tarde recollerá lucros desse investimento.

Em Novembro de 1991 escrevamos: «Pouco ou nada tem adiantado ouvirmos constantemente da boca dos políticos; ou em plena Assembleia da República, que o problema da habitação é grave». Mais adiante perguntávamos: «Não será o problema número um a nível nacional com carácter urgente? Não será a partir de uma habitação digna que os outros problemas mais facilmente se resolverão? O aproveitamento escolar, a melhoria da saúde, a baixa da criminalidade e outros problemas que tanto afligem a nossa sociedade, beneficiariam muito se cada um de nós tivesse uma habitação digna».

Em crónica anterior escrevemos também que as autarquias têm um papel importante a desempenhar na habitação social. Mantemos esta opinião, já que elas, melhor do que ninguém, conhecem as necessidades das populações. O Governo Central lhes faculta meios financeiros, com taxas de juros acessíveis, sem objectivo dos tais lucros de milhões de contos, e teríamos grande parte do problema social resolvido.

OFERTAS — Através da Casa do Gaiato recebemos algumas ofertas. O Manuel Santos, do Tojal, enviou dois cheques no valor de 11.850\$00, correspondentes à venda de selos usados. Dulce, da Nazaré, 5.000\$00; assinante 19576, de Ermesinde, 5.000\$00 «para umas telhas»; Odete, do Seixal: «Foi com muita alegria que li

as notícias sobre a inauguração das 19 casas da Cooperativa. Desejo dizer que continuo atenta a ajudar, e ajudarei quando puder, para que continuem». Junta 10.000\$00. Manuel Brito, de Esmoriz, 2.000\$00; Maria Alice, de Gaia: «Envio uma pequena lembrança à Cooperativa. São 10.000\$00 em promessa de ter recebido a minha reforma de 14.600\$00». Manuel Jorge, do Porto, entregou, no Lar do Porto, 5.000\$00. Maria das Dores, da Póvoa de Varzim, e Ascensão, de Coimbra, enviaram selos usados.

Deus vos pague.

A correspondência deve ser remetida para:

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos
Bloco 1, r/c, Esq. — Lugar de Vales — Paço de Sousa — 4560 Penafiel

Carlos Gonçalves

Associação de Antigos Gaiatos e Famíliares do Centro

NO BOM CAMINHO — Em Setembro de 1984, um grupo de antigos gaiatos que todos os anos se encontravam na sua Casa-mãe, a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, decidiu dar corpo à ideia de congregar sob o mesmo tecto e sob a mesma bandeira todos aqueles que, algum dia, fizeram parte desta Família. Criaram, assim, a sua Associação, em 6 de Janeiro de 1985, à semelhança do que já acontecera com outras congéneres, relativamente às restantes Casas do Gaiato.

Após os primeiros oito anos que proporcionaram algum crescimento e maturação, vivemos um momento de grande e estimulante satisfação: em 29 de Janeiro, no Cartório Notarial de Anadia, fizemos a escritura pública da Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro, sua actual designação.

Ao acto compareceram, além de um punhado de associados, os signatários do documento (que aguarda, apenas, publicação no *Diário da República*), o nosso querido Padre Horácio e o futuro Padre da Rua, diácono Júlio Pereira.

A presença de Padre Horácio que viu nascer a Associação e, desde a primeira hora a incentivou e apoiou, como que «apadrinhou» o acto oficial. Para nós, foi um importantíssimo apoio moral da Obra da Rua; e, para o ilustre Notário e restantes funcionários do cartório, uma nota de credibilidade social que a novíssima Associação ainda não possui.

Se o facto de sermos gaiatos nos dá uma grande responsabilidade social, pois tomámos, com Pai Américo, consciência do alto valor do Homem, tendo agora a Associação adquirido personalidade jurídica, as responsabilidades são acrescidas e há que saber assumi-las e corresponder-lhes.

Os grandes e principais objectivos da Associação sintetizam-se na solidariedade e amizade entre os associados, traduzidas na ajuda mútua a todos os níveis, de forma a manter vivos os princípios cristãos que Pai Américo nos deixou. E, ainda, praticar a cooperação e colaboração mais estreitas com a Obra da Rua.

Assim, procuramos dar resposta ao apelo de Pai Américo que, no «Cantinho dos Rapazes», se nos dirige, nestes termos: «Prolongai em vós a vossa Obra. Não a percais, secando, em vós, a seiva que circula. Que os mais velhos façam dela a menina dos seus olhos».

Legalizada a Associação, cremos estar trilhando o bom caminho. Que Deus, por intermédio de Pai Américo, nos ilumine para que não nos desviemos do caminho apontado!

Após a formalização da escritura, o grupo seguiu para a residência do actual Presidente da Direcção, cuja esposa tinha preparado um jantar que serviu para convivermos um pouco mais e congratularmo-nos pelo feliz acontecimento que, através de O GAIATO, partilhámos com os nossos amigos e associados.

Faremos um Encontro, de convívio carnavalesco, no dia 21 do mês de Fevereiro em curso, no Lar do Gaiato de Coimbra, com o seguinte programa: 11 h, chegada e acolhimento; 12.30 h, almoço (...que cada família trará) partilhado; 14.30 h, tarde de diversão; 18 h, Eucaristia dominical; 19 h, partilha das sobras do almoço e partida.

Se puderes, não fates com a tua alegria!

Carlos Manuel Trindade

TOJAL

SECA — Este ano, parece que estamos na mesma: só chove de vez em quando. As terras bem precisam dela, pois os nossos jardins começam a ser mais. Se os poços não encherem, não teremos água para a piscina. Banho só no chuveiro. Mas, o mais importante são os nossos jardins que estão a deixar a quinta parecida com o paraíso. Quero ver quando chegar a Primavera!

Vamos lá esperar que o nosso Deus mande chuva. Muitos lugares do nosso País já sofrem a seca.

PORCOS — Estamos com um problema grave: os nossos porcos entraram em greve! Já há bastante tempo que não pro-

criam. Só ali estão para a engorda. Bem precisavam de fazer dieta. A procura de leitões aumenta, mas por enquanto continuam todos em greve. Querem aumento na ração e o Dário não vai nisso. Troca por troca ou nada feito!

OVELHAS — O João, da Madeira, anda muito contente com as ovelhas. Nasceram aos pares! No mês passado, duas tiveram gémeos. A sua alegria era tamanha! Toma conta delas há bastante tempo. Não admira.

REFEITÓRIO — O nosso refeitório já está a ser utilizado. Como se costuma dizer, é um espectáculo. Desde a cozinha à copa tudo impecável. O nosso único problema, neste momento, é o atraso da chegada do fogão que faz grande falta.

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — CAMPANHA TENHA O SEU POBRE: Com a correspondência em atraso, vamos dar notícias do mês de Dezembro.

Anónima, de Canidelo, 1.500\$00. Assinante 32969, 1.000\$00. Rio de Mouro 20.000\$00. Silvano, em vale do correio, 5.000\$00. Cacia (Aveiro), 1.000\$00. Maria Eduarda, de Tavira, 10.000\$00. Ericeira, 5.000\$00 «para ser aplicado conforme entenderem melhor. É uma pequena ajuda por alma do meu marido». «Uma gota para aí, que graças a Deus se irá juntar a muitas outras» — 500\$00 da assinante 21727.

M. M., 7.000\$00: «O Senhor vos abençoe, neste ano, e vos conserve a força para ajudar estas vítimas das injustiças sociais». J. R. D., 2.000\$00: «Será que 1993 nos vai trazer mais justiça, paz e amor entre os homens?»

Assinante 8658, «para o que for necessário», 10.000\$00. Mais 4.000\$00, da assinante 39551. Dois mil, «é pouco para o imenso mar de necessidades; que Deus faça o consolo de alguns». 10.000\$00, da assinante 6313. Cinco mil, «para aquela senhora pobre e doente», duma anónima. Arminda, 2.000\$00. Anónima, para a mãe do bebé, 5.000\$00. Anónima: «Não resisto ao choque provocado pelo lembrar de tanta miséria. Vão 6.000\$00, para ajudar a minimizar alguma necessidade mais urgente». Setúbal, 3.000\$00, para a senhora de 58 anos.

Minde: «É pouco, mas com o coração», 5.000\$00. Amigo, da Rua Nau Vitória, 10.000. «Aproveito para contribuir para os Pobres mais necessitados» — 10.000\$00, da assinante 51934. Anónima, da Rua Damião Góis, 50.000\$00. Anónima, de V. N. Gaia, 20.000\$00. Avózinha, de 85 anos, do Bonfim, 500\$00 tirados da reforma. Anónima, do Porto, 10.000\$00. «Nas nossas visitas aos irmãos mais carenciados, além de levarmos o que nos dão, procuramos fazer-lhes ver que o dinheiro não é tudo».

Avózinha, de Lisboa: «Chorei ao ler aquela triste notícia dessa senhora, mãe de três filhos. Esses filhos não sabem que pai e mãe há só um no mundo. Sou uma viúva de 85 anos. Vivo sózinha, com a minha reforma e do meu marido. Enquanto eu puder não quero dar maçada a ninguém. Mas, graças a Deus, tanto os filhos como noras e genros são muito meus amigos. Esperei pelo meu décimo quarto mês de reforma, para poder repartir 5.000\$00. O pouco que dou é com muito carinho e amor».

Bem hajam.

Adelaide e Zé

Notícias de Moçambique

A NOSSA FAMÍLIA — Temos algumas alterações... Para começar, o nosso amigo Marcos voltou; demos mais uma *chance*, pois os pais não o aceitam; penso que já não se conheciam. Entretanto os recém chegados, António Alexandre e o irmão Fabião, foram enviados de regresso. Não para a rua, pois tomámos conhecimento de que têm família e casa. Longe de nós deixarmos utilizar a nossa Casa como colégio. Existem muitos lá nas ruas de Maputo a aguardar. Por isso já podem ocupar o lugar destes dois. Ontem trouxe o Reginaldo. Há muito que me ajuda nas compras no Bazar Central. Não tem pai e a mãe foi raptada pelos bandidos. Dormia e fazia toda a vida na «escola da rua». Agora é só deixar-se envolver neste clima familiar.

COLABORADORES — Como no mês passado, continuamos com o apoio de três seminaristas da Congregação dos Servos de Maria. Foram eles: Manuel, mestre de cozinha; Dionísio, com muito jeito para as crianças; Elias, sempre atento a todas as necessidades; e o Damião veio novamente passar outros dias connosco. Uma ajuda muito grande! Agradecemos, do fundo do coração, todo o esforço e carinho dispensado a esta Obra.

SAÚDE — Não, não há alarme. Até pelo contrário, estamos a prevenir qualquer tipo de surpresa. Graças a Deus, há alguém com vontade de ajudar no aspecto de saúde. O Dr. Ivo, do Hospital Central de Maputo, ofereceu-se para examinar os nossos rapazes. E já começaram. Todos os «Batatinhas» e alguns mais frágeis foram consultados e tiraram as análises necessárias. Na próxima terça-feira, lá vão outros 25. Assim, ficamos descansados...

AGRICULTURA / APOIO — De agricultura ainda não avançamos muito, pois as chuvas são incertas e não temos todas as condições necessárias para um regadio. Mas queria salientar a chegada de um tractor Valmet, de 120 cavalos, com as respectivas alfaías agrícolas. Logo, logo, vamos começar a trabalhar os campos, fazendo curvas de nível e prepará-los para a implementação de várias culturas, principalmente o milho.

OFERTAS — De Portugal recebemos da família Menezes 70.000\$00, contribuindo para o apoio às crianças desamparadas. Das Academias de Bacalhau recebemos muitas coisas a salientar: um cheque de 30.000.00 rands para o início da construção do Pavilhão/Oficinas, tendo também material de construção a enviar no valor de 40.000 rands. Para o dia da colocação da 1.ª pedra destas oficinas, doaram-nos *T-shirts* com impressão do logotipo do Gaiato e calções para todos. Do sr. Martins, da África do Sul, vamos sempre recebendo material para as oficinas; por outro lado facilita-nos a baixo preço outros materiais. A todos estes e a outros ocultos, agradecemos toda a generosidade.

COLOCAÇÃO DA 1.ª PEDRA — O dia 23 de Janeiro foi marcado com a colocação da primeira pedra do Pavilhão/Oficinas da nossa futura Aldeia. A iniciativa foi das Academias de Bacalhau, não só de Maputo, mas as de Portugal e principal-

mente da África do Sul. São eles que vão financiar a construção. Estiveram presentes algumas pessoas, a salientar: o Embaixador de Portugal, que por sua vez também veio representar a Primeira Dama que não pôde estar presente e enviou uma mensagem muito encorajadora. Os presidentes das Academias de Maputo, Joanesburgo, Lisboa e Porto. Esteve também o Manuel «pedreiro», antigo gaiato que colocou ele mesmo a primeira pedra com o sr. Capucho Paulo, Presidente da Academia de Maputo. Foi um momento de muita emoção para nós e principalmente para o Padre José Maria, pois o segundo sonho começou a ser realizado.

A tarde seguiu-se uma sessão recreativa preparada pelos amigos da Escola Portuguesa, que trouxeram o grupo coral. Os nossos rapazes não quiseram ficar para trás e também apresentaram alguns números que saíram muito bem. Mostraram que também são capazes.

Continuo com alguns agradecimentos: A todos os que colaboraram directa ou indirectamente, agradecemos cheios de confiança que nos acompanharão sempre e temos fé que continuaremos a contar com tão preciosos apoios. Um agradecimento especial a todas as Academias de Bacalhau.

VISITAS — Têm sido tantas que não tenho condições de as mencionar. Mas não quero deixar de mostrar o nosso contentamento pelo facto de sermos já tão conhecidos e visitados. Mas estas visitas trazem sempre boas notícias. Existem muitas Instituições que nos querem apoiar, outras pelo contrário pedem-nos apoio. É bom saber que, mesmo em Moçambique, existem muitas pessoas sensibilizadas para o problema da criança da rua... que está a aumentar!

Carlos Roda

BENGUELA

SITUAÇÃO TRISTE — Nos dias 5, 6 e 7 de Janeiro toda a cidade de Benguela sofreu um ataque como nunca tinha acontecido durante o tempo de guerra. Morreu muita gente, principalmente o povo sem culpa de nada. É triste o sofrimento das pessoas inocentes quando a cabeça dos políticos não está devidamente no caminho de Deus! A cidade está a recuperar, dia após dia, pois houve muita destruição.

Cerca de duzentas pessoas refugiaram-se em nossa Casa, às quais se distribuiu alguma comida. Agora está tudo normalizado e esperamos que daqui para o futuro haja mais paz e menos guerra. O povo angolano quer paz.

NOVOS GAIATOS — Já iniciámos as actividades normais de uma Casa do Gaiato, com um grupinho de sete pequenos que vieram do Abrigo dos Pequenos, em Benguela. Celebrámos a comemoração com o aniversário do nosso Padre Manuel. Presentes: D. Óscar, Bispo de Benguela, e alguns rapazes nossos que vivem na cidade. Foi uma festa muito bonita.

Nos próximos dias receberemos mais 10 pequenos, pois a comunidade está a habituar-se ao nosso ritmo de vida.

CAMPO — Houve uma boa colheita de tomate e cebola. Temos outra sementeira igual e a luzerna continua a crescer, pois o nosso gado está à espera dela.

Um grande abraço do

Benjamin

Conto do vigário

Continuação da página 1

bunais sabem. O «Batatinha» tem sido preso algumas vezes e solto no dia seguinte. De modo que, em clima tão permissivo e com proveito tão compensador, o «Batatinha» sente-se estimulado e prossegue impune.

Uma vergonha!

Há dias telefonou de Entre-os-Rios (tal acontece, por regra, depois de se ter caído no «conto») uma Professora que o foi nas nossas Escolas:

— Então a Senhora não sabe que esse modo de agir nunca foi prática nossa?!

— Sabei, ele falou com tanto conhecimento de pessoas e factos aí de Casa que, imediatamente, eu acreditei e só depois reflecti.

Claro que o «Batatinha» é a *mão* comandada por uma *cabeça* que provavelmente passou por cá e nos conhece de dentro. Já o dissemos às Polícias. Nem precisávamos de o dizer que elas têm obrigação de não ser ingénuas! Mas dissemos: — Que, ao menos, apanhado o «Batatinha», por ele se diligenciasse identificar a *organização* e o seu mentor.

Defesa ao embuste

Nada! Não há outro remédio senão houver da parte das pessoas abordadas, o senso da defesa ao embuste, tão espertalhão quanto, ao mesmo tempo, primário na sua execução. Tanto o é que as pessoas, bondosas por índole e apanhadas de surpresa, caem no logro, mas depois ficam a pensar e, de pensar, duvidam. Porém, é tarde quando vêm esclarecer-se. O «Batatinha» e a sua *organização* sempre vão tendo tempo de ganhar a vida com pouco esforço e ainda menos risco. Uma tristeza!

Porém — pior ainda! — esta coisa de usar e abusar do nome da Casa do Gaiato para angariação de fundos parece estar em moda.

Há meses, um *fax* de Aveiro alertava-nos para

um peditório a decorrer nas suas ruas e casas comerciais. Respondemos com outro *fax* pedindo a intervenção das Autoridades. Em Fátima, dizem-nos que também aparece gente com autocolantes e outros expedientes «a favor da Casa do Gaiato».

E ontem mesmo soube, que até aqui no Porto, em

«Exposição de Antiguidades» realizada no Coliseu a semana passada, a organização se permitiu colocar nos cartazes que a anunciavam, o nome da Casa do Gaiato, sem nosso conhecimento e autorização. É certo que, por advertência própria ou de outrem, acabaram por tapar a legenda que nos dizia respeito com fita gomaada.

Mas antes lá estivera patente. Dói-nos gastar tanto espaço no nosso Jornal com este assunto. Mas, porque julgamos necessário, aqui fica, *mais uma vez*, esta advertência para que os nossos leitores saibam e difundam que iniciativas desta espécie não nos pertencem nem têm o nosso consentimento, nem nunca foram prática da nossa Obra no seu mais de meio século de existência.

Padre Carlos

Malanje

DIA A DIA

1/1/93

Não festejámos a entrada deste 93 — que ele nos perdoe.

Na cidade, à meia-noite, foi um verdadeiro fogo de artifício com sinais e balas luminosas. Pena que fossem armas de morte a festejar o recém-nascido.

Assim, entrámos com o coração angustiado.

2/1

Nas festas houve uma certa calma — fictícia e passageira. Hoje, às 18.30 h, foi tomada a sanzala do Bambi. O povo fugiu para as matas e a maior parte para nossa Casa, onde se refugiou. Esta sanzala fica a 4 quilómetros da nossa Aldeia.

Fizemos para eles arroz com chouriço e dormiram nas três salas da casa dois.

A mesma calma e resignação no semblante de todos perante a desgraça que sobre eles caiu!

Povo caminhante, sem lugar para repousar — na sua própria Pátria...

Os dirigentes não vivem estes problemas. Não os sentem na sua própria carne. Era bom. Ficaria mais plano o caminho da paz.

3/1

O nosso tractor passou o dia transportando famílias e

seus tarefas para a cidade. Vi mulheres e crianças a sorrirem quase felizes!, por irem no tractor... Almas simples! Arrimadas ao sofrimento como água à sua nascente!

Os que ficaram, assistiram à Eucaristia.

Não lhes falei nos laços, fortes e ternos, na Família de Nazaré. Aqui são também fortes os laços que unem os pais aos filhos. As

ratazanas dos povos «civilizados» ainda não os roeram.

Falei do amor que os cristãos devem ter aos que nos batem e roubam... Amor e perdão. Nunca respondermos com violência à violência. Perante o ódio, a mansidão. Esta vivência na alma leva à paz que Jesus quer.

É bem mais profunda e bela que o silêncio dos canhões.

Padre Telmo

Moçambique

Continuação da página 1

para lhes entregar a responsabilidade dos outros. Ainda não temos chefes entre os rapazes, mas já se delinea o perfil de alguns. Este o nosso trabalho mais profundo, de rendimento a longo prazo. Esta a Casa do Gaiato, cujos alicerces estão sendo lançados e uma vez bem estabelecidos estruturaram o nosso crescer. Pai Américo dizia que é próprio das coisas grandes começarem pequeninas. É a parábola do Grão de Mostarda.

Paralelamente a este trabalho, surge quase espontâneo o que dá nas vistas: as construções. O que temos até hoje serve razoavelmente para nos acomodar, quanto às necessidades essenciais. Estamos quase a terminar a adaptação das instalações na fazenda para as seis turmas escolares. Queremos, neste Fevereiro ainda, iniciar as obras da Aldeia.

Primeira pedra das oficinas

Tem sido outra sementeira, outro abrir caminho no escuro. Começa a clarear a luz, não que nunca nos faltasse aquela que só vem de Deus. A Academia de Bacalhau de Maputo tem feito todos os esforços para nos ajudar e agora comprometeu-se formalmente ao lançar a primeira pedra do primeiro pavilhão de oficinas na futura Aldeia. Quiseram enaltecer ao máximo o gesto, de portugueses em terra alheia, mas fortemente aqui enraizados, teimando num teste muito de Bem-fazer a favor das crianças abandonadas, símbolo gritante da degradação a que chegou Moçambique. Portugueses da África do Sul, da Suazilândia e até de Lisboa e Porto, fizeram questão em marcar presença.

O Senhor Embaixador de Portugal presidiu. Leu cartas a enaltecer o acto, vindas de Dra. Maria Barroso e Secretário das Comunidades. Depois de falar, emocionou-se bastante.

O Presidente da Academia de Maputo e o nosso Manuel «Pedreiro» selaram a pedra no chão, donde vai surgir a nossa Aldeia. Momento de compromisso para com os nossos gaiatos, que depois do acto rodearam o local para a fotografia histórica.

Padre José Maria

MALANJE

OBRAS — Estamos com a reparação da casa dois e da escola. Propriamente dito foi do tecto ao chão tudo destruído: telhas, portas, janelas, paredes, etc. Mas, pouco a pouco, vamos metendo quase tudo como antigamente, com muito esforço e sacrifício.

Agora, que o país atravessa uma crise, temos dificuldades em certos materiais; até, por vezes, somos obrigados a comprar o cimento no mercado paralelo a um preço fora de série para não pararmos as obras.

AGRICULTURA — Tem sido apenas de subsistência. Mas também ajudamos muita gente.

Daqui a uns meses, começaremos a consumir três hectares de mandioca, meio de batata-doce e uns tantos hectares de

milho utilizado na merenda dos rapazes. A outra parte será para a criação e boroa.

A horta dá-nos alguns resultados e já liquidámos o combustível das máquinas. Também plantámos algumas dezenas de bananeiras, precioso fruto para os nossos rapazes.

POMAR — As mangueiras produziram o normal.

Após vários anos com extenso capim e queimadas, ainda assim resistiram!

Mal chegámos, fizemos as devidas limpezas e contra-fogos — o que resultou.

Para além da poda — que ainda não foi feita por termos muito trabalho e falta de material. Mas que grande beleza as árvores carregadas! Já temos colhido mangas para as refeições. Os nossos rapazes não se cansam de as comer! Então o Nuno e o Cachoar são às dezenas!

Joãozinho

SETÚBAL

**Uma família
não é completa
sem crianças!**

A nossa Casa havia perdido um ambiente de poesia angelical que as crianças dão à comunidade humana desta grande família. O Jaime, que veio com cinco meses e foi o «ai Jesus» de todos, passou os cinco anos, frequentando a escola infantil, familiarizou-se com outras crianças e amadureceu com uma certa precocidade. Ele mesmo sente nos impulsos naturais e inocentes do seu ser, a necessidade de ter irmãos mais novos. «Ó papá arranja-me um bebé!» E apontou estampas das embalagens de alimentos infantis: «Eu quero um assim.» Fui-lhe enchendo a imaginação com promessas que só a Providência poderia cumprir.

A mãe que o adoptou com toda a expressão profunda da maternidade, perguntava se ela trazia algum bebé na barriga.

Os rapazes, manifestando o vazio existente que os pequeninos preenchem, criaram sem minha autorização e com o meu disfarçado desconhecimento uma matilha de cãesinhos a quem dedicavam todo o desvelo. Era

Património dos Pobres

Continuação da página 1

quaisquer condições de habitação futura. Pagam, quando pagam, duzentos e cinquenta escudos mensais. Fomos falar com ele e vimos as suas dificuldades e a sua dor pela situação desta e das outras famílias.

Alguns dos nossos rapazes casados têm-nos chamado a atenção para esta família. Ajudam para que tenham o pão de cada dia. O Zé Maria, um dos quatro irmãos «Guilhufe» criados na Casa do Gaiato, a viver na cidade, tem dado muitos passos à procura de casa. Nesta tarde foi o nosso guia. Não encontramos. Nem à venda, nem para alugar, nem terreno para construir. Chegámos ao fim do dia cansados e com pouca esperança.

Mas continuaremos inquietos. Então numa terra cristã não se encontra uma casa para uma família numerosa, doente e com problemas? A base da pobreza será mais da falta de bens materiais do que da carestia de outros bens? Estes pobres terão alguma culpa de ser pobres?

O Zé Maria prometeu continuar à procura. Que o povo cristão de Penafiel o encontre e lhe abra a porta.

Padre Horácio

uma derivação da necessidade imperiosa de dar carinho, que me constrangia e simulava ignorar. Aos visitantes que diariamente nos aparecem era dada a grande novidade: «Temos uns cãesinhos muito lindos. Não quer vê-los?» E lá ia o grupo dos mais interessados acompanhar, em pleno gozo, à cabana por eles improvisada no meio da mata, mostrar o enlevo dos seus encantos.

Ao sair da pequenina oração da manhã que fazemos juntos na Capela, os cães esperam à porta os rapazes e, é vê-los a saltar em guinchinhos de satisfação, apoiando-se somente nas patas traseiras, transmitindo aos pequenos um deleite de relação admirável. Agora, todo o encanto com os nossos cães está a desaparecer.

Vieram-nos dois pequeninos. Lindos como as estrelas e encantadores como os anjos.

O mais novo usa fraldas, titubia algumas palavras extasiando-se no mundo largo que o rodeia. O irmão, quase do mesmo tamanho, igualmente louro e faces rosadas, já anda às cavalitas de todos satisfazendo uma sede de carinho que o devora e nunca saciou.

Ao jantar, na grande sala bela e aquecida, é vê-los entre as mesas, de braços no ar e em gorjeios de alegria espontânea e irreprimível a dar as mãos a todos e a serem disputados pelos rapazes para os agarrarem ao colo.

Uma família não é completa sem crianças!

No mundo actual a criança da rua está longe de ser percebida

No mundo actual a criança da rua está longe de ser percebida. Multiplicam-se as iniciativas, desdobram-se as instituições, criam-se projectos de educar crianças no seu meio. E nós continuamos a ver centenas de crianças ao abandono, a pedir, sujas e desprezadas em maiores quantidades que cães vadios.

A sabedoria que as Casas do Gaiato evidenciam há mais de meio século é rejeitada pelas leis e pelas iniciativas. Os técnicos de gabinete continuam a impor erradamente soluções aéreas e fictícias criando um vasto mundo de marginais que a todos aflige.

Os animais ocupam o lugar das crianças.

Proliferam as clínicas veterinárias para assistir a gatos e cães e não faltam já casas de negócio dedicadas a dar banho e pentear os ditos animais.

Não sou contra o bom trato dos referidos bichos, antes pelo contrário, mas vejo com grande apreensão o desvio evidente do caminho natural para o crescimento correcto do homem.

À medida que o homem se afasta de Deus, também se afasta do Homem. Ele é capaz de inventar todos os alibis para preencher os seus vazios. Sempre que os corações humanos pretendem encher-se de futilidades, o homem é renegado para segundo plano. Só o amor humano faz crescer correctamente o homem. É por ele que o homem chega ao Homem. É por ele que o homem chega a Deus. *Ninguém vai ao Pai senão por Mim* — disse Jesus. *E o que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos é a Mim que o fazeis.*

Até a natureza humana, na sua expressão simples, evidencia a Verdade revelada.

Padre Acílio

Benguela

Continuação da página 1

Estive, ontem, ao fim da tarde, no morro, a ver três casinhas sem cobertura. Uma delas com gente a dormir lá dentro, em cima do saco, com medo da chuva pesada que pode vir. São gestos pequeninos que levam tamanha força que o bairro fica a olhar.

Finalmente! Mais sete pequeninos se vêm juntar ao grupo inicial que somos. Depois de amanhã (20 de Janeiro), ficarão instalados definitivamente no que é seu. Assim a Casa do Gaiato ganha vida nova em momento de sementeira de morte noutros lados.

Queremos saborear o significado desta hora até ao cerne. Por isso vamos ter festa. Os convidados de primeira classe são os garotos que chegam por quem e para quem a Casa do Gaiato é. Vamos matar um cabritinho que nos deram. Que pena ser tão pequeno!

Depois, aqueles e aquelas que desde o princípio estiveram no centro das nossas atenções: homens e mulheres mais os filhos, a quem matamos a fome e demos a segurança do calor humano, tudo recebido em troca do seu trabalho. Depois os Pobres que aparecerem. Todos são convidados.

A presidir à Eucaristia contamos ter o Pastor da Diocese. E a seguir vem a mesa do almoço. Andamos, entretanto, à procura do vitelo gordo do Evangelho e dos leitões para o pirão e a feijoada.

Padre Manuel António



Júlio, Almeida e Joca.

Correspondência de Família

No número de 9 de Janeiro/1993, diz O GAIATO, pela pena do Padre Carlos, que a Obra da Rua começou no dia de S. José de 1932, quando Pai Américo, pelo seu Bispo, é entregue dos cuidados da Sopa dos Pobres, sendo aí que autenticamente começou a Obra da Rua, na Igreja de Coimbra.

Fiz esta referência, no entanto todos sabemos que só depois de andanças por terra e por mar, por um convento e um seminário, por vocação «tardia» mas chamamento divino, o Américo se fez Padre, para vir a ser Padre da rua, «recoveiro dos Pobres», como ele próprio se intitulou. E, assim, o lugar onde ele começou a doação pública de si mesmo, pela Igreja e na Igreja, onde idealizou, projectou e deu à luz a sua Obra, foi Coimbra.

Vivi, nessa cidade, a década de trinta e, por circunstâncias da vida, foi lá que conheci o Padre Américo, em 1938. Não interessando pormenores, venho dizer que assim como fiquei solidário no amor e no respeito de filho pelo pai que ele me foi, também, e apesar do longo-tempo decorrido e da ausência, sinto amor e saudade pela urbe da minha juventude, onde fiz estudos secundários e trabalhei. Este amor e saudade pelo Pai e pela cidade estão envolvidos numa angústia que se adensa com o tempo: um certo esquecimento em que me parece Coimbra ter caído relativamente ao Padre Américo.

As gerações passaram mas as actuais iriam gostar de ver numa praça ou num largo da cidade, uma figura firme com o rosto de esperança a lembrar às gerações futuras quem foi e o que naquelas ruas começou a fazer — por doação generosa e heróica da sua vida — o Padre Américo.

A boa vontade dos Autarcas, da Universidade e da

Igreja pode conduzir a tal realização. E contar com o povo da cidade e do país, que ajudará, porque, dado o primeiro passo — constituir uma Comissão — o resto virá por acréscimo. Aqui fica posta a

ideia de se pagar esta dívida de gratidão, sugerindo ao Sr. Presidente da Câmara que tome a iniciativa.

Alberto Augusto

Padre Fonseca

Lembram-se do título «Autoconstrução» que, durante anos, enriqueceu o nosso Jornal? Subscrevia-o Padre Fonseca, de Aguiar da Beira, um trabalhador incansável de cabeça e mãos, constantemente empenhado no progresso espiritual e social do seu povo.

Companheiro de ideal na acção que busca a Justiça Social, foi-nos um exemplo na austeridade de vida, na Pobreza assumida como condição fundamental para melhor servir os Pobres. Guardamos dele uma salutar lembrança e a convicção de que na Pátria Celeste, ele será um intercessor aceite em favor de tantos bens que empreendeu e urge sejam continuados.

A Autoconstrução foi uma das suas paixões; não apenas pela construção de casas que era o seu objectivo imediato, mas pela formação dos homens a quem as casas eram destinadas, os quais também se construíam enquanto as levantavam. Tanto como realizador de obras que estão à vista, ele foi um doutrinador que reflectiu e fez reflectir as virtualidades pedagógicas e sociais da Autoconstrução, não apenas nos seus artigos n' O GAIATO como no jornal que entretanto fundou com o mesmo nome do movimento.

Infelizmente a Autoconstrução é um processo sem fachada, demasiado sério para que a mentalidade política por ela se interesse. Nem ele nem nós conseguimos atrair para ela a atenção da classe. É pena porque se trata de um potencial desperdiçado — uma má política!

Sei agora, pela notícia da sua morte no JORNAL DA BEIRA, que Padre Fonseca era tio-avô de um dos nossos ministros.

Quem dera que este, em homenagem ao tio e bom serviço à Nação, quisesse catequizar os seus pares para este tema — para o que teria na colecção do mensário AUTOCONSTRUÇÃO matéria válida para a necessária reflexão prévia a uma conveniente legislação e a uma ainda mais conveniente política de habitação.

Que Padre Fonseca consiga lá do Céu o que não conseguiu cá: o empenho do Estado nesta resposta, que não é única e total — é evidente!; mas pode ser achega frutuosa à resolução desse problema primeiro do nosso Povo que é o da habitação.

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (065) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239